

---

## A Gênese de uma Emissora Pioneira na Década de 1950: Apontamentos para uma História Cultural da Rádio da Universidade (UFRGS)<sup>1</sup>

Cida GOLIN<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo procura entender o contexto da inauguração oficial da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre 1957 e 1958, quando ela encerra a primeira fase de transmissões experimentais e ganha seu canal de difusão. É um período de profunda efervescência cultural na cidade de Porto Alegre, momento em que Universidade, federalizada em 1950, faz-se protagonista ao se abrir para um diálogo criativo com a comunidade. Interessa-nos refletir sobre o espírito de época do qual essa emissora emerge e que a fez pioneira no segmento universitário. Recorremos à pesquisa bibliográfica e à sistematização de depoimentos de profissionais que acompanharam os primeiros anos. As gravações foram concedidas à rádio durante as efemérides de 30 (1987) e 50 anos (2007) e ficaram guardadas no arquivo da emissora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio da Universidade; UFRGS; rádio universitária; história cultural.

Entre os primeiros experimentos do professor Antônio Alberto Goetze nos fundos da Escola Eletrotécnica de Porto Alegre, em fins de 1940, até a estreia da pioneira das emissoras universitárias do Brasil, passou-se quase uma década, e não poucos percalços. Uma licença cassada, os interesses contrários das rádios comerciais, tentativa de suborno e grave crise política no governo federal, responsável pelas concessões. A rádio da então Universidade do Rio Grande do Sul entrou no ar como algo trivial, em uma noite de segunda-feira, 18 de novembro de 1957, sem cerimônia, mas com trilha sonora épica: as suítes “Descobrimiento do Brasil”, de Heitor Villa-Lobos.

Ícone maior da música de concerto no Brasil, o compositor comemorava seu septuagésimo aniversário naquele ano, desfrutando de consagração internacional. A obra fora escrita para o filme de Humberto Mauro, estreado em 1937, e depois

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, Porto Alegre; email: [golin.costa@ufrgs.br](mailto:golin.costa@ufrgs.br). Este artigo tem a coautoria de Ana Laura Freitas, mestre em Comunicação e Informação pelo PPGCOM e jornalista da Rádio da Universidade. Versão reduzida de capítulo a ser editado em coletânea da RUBRA no ano de 2019.

---

transformada em quatro suítes sinfônicas. Com inspiração na famosa carta de Pedro Vaz de Caminha, “Descobrimento do Brasil” evoca, na perspectiva heroica do colonizador, a aventura da travessia do Atlântico pelas caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral. Dentro da linguagem nacionalista de Villa-Lobos, a obra combina a tradição europeia ao folclore brasileiro, incluindo materiais recolhidos em comunidades indígenas por ninguém menos que Edgard Roquette-Pinto, pai da radiodifusão no Brasil.

Este artigo procura entender o contexto da inauguração oficial da Rádio da Universidade, entre 1957 e 1958, quando ela encerra a primeira fase de transmissões experimentais e ganha seu canal de difusão. É um período de profunda efervescência cultural na cidade de Porto Alegre, momento em que Universidade, federalizada em 1950, faz-se protagonista ao se abrir para um diálogo criativo com a comunidade. Junta-se a isso o ambicioso cenário nacional, a conjuntura de viver 50 anos em cinco de Juscelino, a sonoridade da bossa-nova, as experimentações do rádio como veículo para educação, as imagens sonoras da primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo. Interessa-nos, portanto, refletir sobre o espírito de época do qual essa emissora emerge e participa. Recorremos à pesquisa bibliográfica e à sistematização de depoimentos de profissionais que acompanharam os primeiros anos. As gravações foram concedidas à rádio durante as efemérides de 30 (1987) e 50 anos (2007) e ficaram guardadas no arquivo da emissora.

### **O rádio como mediador da educação**

Tendo à frente o professor Goetze, ciente de que seu projeto tinha potencial para ir bem mais além do limite de um laboratório de eletrotécnica, a gênese da Rádio da Universidade teve como lastro, certamente, a proposta educativo-cultural da pioneira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro de Roquette-Pinto que, em 1936, passou aos cuidados do Ministério da Educação e Cultura, transformando-se na Rádio MEC. Tanto a MEC como a Nacional, e várias outras emissoras, trataram de colocar em prática a dimensão da radioescola e de uma Universidade não formal, criando redes de programas especiais dirigidos a professores (BLOIS, 2004; ZUCULOTTO, 2010). Entre os vários intelectuais que saudaram o horizonte democrático e estético do rádio, Bertold Brecht (2005) já sinalizara, em 1932, para a potência “de ter o que dizer” e de ser um meio de

comunicação e de transformação social. No Brasil, em 1957, o estímulo à educação popular, via radiocartilhas e escolas radiofônicas espalhadas no interior do Nordeste, deu origem ao Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA). Estavam ali as bases para a ação posterior do Movimento de Educação de Base (MEB), iniciativa da Igreja Católica e do governo federal, em 1961, de fazer do rádio o primeiro mediador da educação à distância, um projeto de alfabetização que visava, sobretudo, à consciência crítica da população rural (BLOIS, 2004; COSTA, s/d).

Dados sistematizados por Kischinhevsky et al (2018) apontam que as Américas tiveram protagonismo na gênese das rádios universitárias. Em 1915, um professor de engenharia da Universidade de Wiscosin, nos Estados Unidos, já estaria operando uma destas futuras estações de finalidade educativa, ainda que a primeira autorização para operar de forma limitada tenha supostamente saído somente em 1921, para uma instituição de Salt Lake City. Na América Latina, a Argentina foi o país pioneiro, inaugurando, em 1924, a rádio da Universidad Nacional de La Plata, iniciativa levada adiante na década seguinte por Colômbia, Chile e México.

No caso da Universidade do Rio Grande do Sul, situada no extremo sul do Brasil, no meio do caminho entre Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, a gestação da emissora veio na esteira de um movimento de abertura da instituição pública de ensino superior à comunidade. Para seu primeiro jornalista, voz do Repórter Esso e que seria o locutor principal da Rede da Legalidade de 1961, Lauro Hagemann, a emissora tinha a missão de se tornar a “janela da universidade” (HAGEMANN, 1987). À época, uma universidade possuir um moderno meio de comunicação como o rádio se coadunava bem com o espírito da gestão do professor da Faculdade de Medicina, Elyseu Paglioli, ex-prefeito de Porto Alegre e que teve quatro mandatos sucessivos na Reitoria, entre 1952 e 1964. Foi neste período que houve um expressivo aumento do patrimônio imobiliário da instituição, com o planejamento da Cidade Universitária, a remodelação e criação de órgãos de difusão e extensão cultural, como teatro, orquestra sinfônica e coral, gráfica e radiodifusão. A construção do prédio modernista da Reitoria, no bairro Farroupilha, em pleno coração político e cultural da cidade, coroou esse processo de abertura social da Universidade, além de estimular, entre múltiplas outras intervenções, a memorável série dos bailes orquestrados da Reitoria. A inauguração do Salão de Atos em janeiro de 1958, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, foi também a

---

solenidade que batizou oficialmente a Rádio da Universidade (SOARES; SILVA, 1992).

Como dito acima, o percurso até aqui não foi fácil. A inicialmente chamada Radiodifusão Universidade do Rio Grande do Sul começou como uma estação de radioamador. Em 1950, recebeu autorização para operar com fins didáticos, no antigo Instituto Eletrotécnico, na esquina da Sarmento Leite com a Osvaldo Aranha. Em 1953, foi instalado novo transmissor, com maior potência, de 2KW. Além de boletins sobre as atividades acadêmicas, passou a irradiar música de concerto e atrair novos ouvintes, chamando a atenção de emissoras comerciais. Acabou recebendo, em dezembro daquele ano, uma ordem judicial para sua retirada do ar, com a justificativa de que estava ultrapassando os limites de uma emissora-laboratório. O acontecimento ganhou repercussão social, motivando o reitor Paglioli a solicitar ao presidente Getúlio Vargas, em 1954, uma concessão para transmitir em ondas médias (AGENDA, 2008). O pedido foi feito no mês de janeiro; em agosto, Getúlio tiraria a própria vida, em meio à crise política no governo federal.

Em relatório de sua gestão, Paglioli (1964) relata que o pedido de concessão ficou trancado na Comissão Técnica de Rádio do Ministério de Viação e Obras durante dois anos, culminando com uma oferta de solucionar o caso mediante o recebimento de “gratificações apreciáveis” (PAGLIOLI, 1964, p.64). O próprio reitor teria denunciado o suborno ao ministro da pasta. A licença definitiva viria ainda em 1956, sob o decreto 39.260, publicado no Diário Oficial da União. Novos transmissores foram, então, instalados em terreno cedido pelo Governo do Estado na Ilha do Chico Inglês, no arquipélago que margeia Porto Alegre. O acesso se dava por meio de embarcação de propriedade da Universidade, responsável, inclusive, por transportar, periodicamente, os tonéis de óleo diesel para abastecimento dos equipamentos, pois não havia energia elétrica no local. Depois de realizar transmissões experimentais, finalmente, a rádio estreou no prefixo ZYU67, em ondas médias AM 1080 KHz.

### **Uma rádio que nascia “idealista”**

Se a emissora ainda não era oficial no início da década 1950, o curso de Jornalismo da UFRGS começava seu percurso junto ao Instituto de Filosofia em 1952. Os primórdios da rádio estão vinculados à gênese do curso. Os primeiros profissionais

egressos da escola estagiaram naquele laboratório, incluindo as primeiras repórteres mulheres em um campo profissional até então absolutamente masculino. Uma visão panorâmica dos anos 1950 mostra a ascensão e hegemonia dos jornais do grupo Caldas Júnior no mercado jornalístico. Um dos feitos da conservadora empresa de Breno Caldas foi inaugurar, em 1957, a rádio Guaíba, que visava ao público elitizado com programação orquestrada, locução sóbria e investimento em jornalismo, o chamado estilo Guaíba. A solenidade de abertura, não por acaso, ocorreu no Theatro São Pedro com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) interpretando um repertório de peças eruditas populares. As rádios locais, até então, investiam no espetáculo ao vivo, no humor, nas novelas, nas atrações de auditório, com um jornalismo ainda tímido. Na captação da audiência, rivalizavam com as frequências de emissoras argentinas e uruguaias, especialmente no interior. A televisão estava prestes a surgir no Rio Grande do Sul: o grupo Diários Associados inauguraria a TV Piratini em 1959. (FERRARETTO, 2000; RUDIGER, 2003)

Em 1954, após o incêndio da rádio Farroupilha e empastelamento do Diário de Notícias como resposta popular ao suicídio de Getúlio Vargas e às campanhas de difamação política de Assis Chateaubriand, o jornal *A Hora* surgiu na cidade trazendo novos ares nas formas de reportar e diagramar notícias. Foi também o momento de entrada das mulheres na redação (SCHIRMER, 2000), entre elas, a estudante de jornalismo Iara Bendatti, que estagiou naquele jornal. Em 1957, formada nas primeiras turmas da UFRGS, ingressou como auxiliar de notícias na Rádio da Universidade. A convite de Lauro Hagemann, também egresso da Universidade, vinha integrar uma equipe “idealista” disposta a fazer um modelo de rádio distinto do que até então se conhecia, perseguindo o texto aprimorado e a locução sóbria: “talvez hoje a gente chame de quadrada, mas ele queria com isso demonstrar a seriedade com que se estava fazendo rádio” (BENDATTI, 1987). O reitor Paglioli havia determinado que era preciso valorizar o curso de Jornalismo, fazer da emissora um laboratório didático e prestigiar os formandos. Em 1963, a *Universiade*, competição internacional de atletas universitários, contou com a participação decisiva da emissora: “trabalhávamos o dia inteiro, à noite fazíamos uma resenha e passávamos para redatores de idiomas diferentes, porque transmitíamos, com o auxílio da rádio Guaíba, se não me engano, para todas as nações” (BENDATTI, 1987). Hagemann, que junto a outros colegas da Filosofia pensava na pertinência de um laboratório humanístico para alunos formados

---

pelo impresso, lembra que não foram poucas as vozes que se manifestaram, naquele período, contra a existência de uma emissora que se contrapunha ao padrão popularesco da livre iniciativa:

Houve uma época, e naqueles recuados 1957, em que a universidade tinha uma concepção mais universal da sua presença no seio da sociedade. Depois veio o período autoritário, aquela coisa toda. Ela se desviou do seu rumo, ficou encastelada, e com isso perdeu o contato com a realidade que a cerca. (HAGEMANN, 1987).

José Carlos de Cavalheiro Lima, primeiro diretor artístico da emissora, responsável pela página *Música e Arte* da *Revista do Globo*, era estudante de piano no Instituto de Belas Artes em 1957. Participou da equipe de fundação e foi dele a determinação de não usar verbo no anúncio e desanúncio das músicas: “sem ouvimos ou ouviremos... Porque quem está ouvindo rádio, só pode estar ouvindo... linguagem machadiana... essa é uma das características inconfundíveis da Rádio da Universidade no Brasil” (LIMA, 1987). Quando a rádio já apresentava programas de literatura, produzidos pelo professor Manuel Sarmiento Barata, ou era acusada de “propaganda comunista” por uma série sobre cinema russo, Lima assegura que a emissora foi a pioneira a dar o sinal horário, e que, inclusive, dizia-se, que a companhia de aviação aérea Varig ajustava seu horário pelo prefixo ZYU67.

Foi durante a gestão do jornalista, advogado e escritor Nilo Ruschel (1911-1975) que a Radiodifusão Universidade do Rio Grande do Sul ganhou novas dependências, mais apropriadas à dimensão que seu trabalho ia ganhando na comunidade. Ela foi transferida, em 1960, para o prédio onde se encontra até hoje, na Sarmiento Leite, 426, antes ocupado pelo Instituto Regional Meteorológico Coussirat Araújo, do Ministério da Agricultura. A inauguração contou com a presença do então ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado. Nilo Ruschel, cronista conhecido pela sua forte ligação com a capital, onde fez significativas interferências em prol da preservação do centro histórico – salvou da verticalização o núcleo arquitetônico formado pelo Mercado Público, Chalé da Praça XV e Paço Municipal<sup>3</sup> – foi nomeado professor catedrático para reger a cadeira de rádio em 1952. Participou da Fundação da FEPLAM (1967) e ficou na emissora até 1968, quando saiu após divergências sobre o rumo da instituição.

---

<sup>3</sup>S/autoria. “Cidade sorriso” perdeu o homem que a batizou. Notícia publicada na Folha da Tarde em 08 de março de 1975. Acervo da família Ruschel.

---

Um dos pontos altos daquele período foi a criação do Arquivo de Vozes da Rádio da Universidade em 1958, que registrou em fitas magnéticas as vozes de personalidades que por ali passaram. O escritor Moacyr Scliar (1937-2011), em depoimento na agenda comemorativa dos 50 anos da emissora, recordou: “Era nosso canal de comunicação privilegiado com um universo artístico e cultural ao qual, de outra forma, não teríamos acesso” (SCLIAR, 2008). Ele também destacou a irmandade de ouvintes, entre os quais estava Erico Verissimo, um dos mais entusiastas, que tinha a rádio como fundo sonoro para sua rotina de escrita. O compositor Flávio Oliveira, que atuou na emissora como programador, produtor e apresentador, cita os feitos do colega Aníbal Damasceno Ferreira (1933-2013), que depois viria a ser professor de cinema da PUCRS, mas na época atuava como operador e produtor:

A Rádio da Universidade era assim: ponto de encontro obrigatório de troca de ideias e difusão da cultura em seus personagens consagrados e nascentes. Que o diga Aníbal Damasceno Ferreira, que reuniu num só programa João Cabral de Mello Neto, Rubem Braga, Paulo Hecker Filho e outros. (OLIVEIRA, 2008)

O vínculo com o sistema artístico-cultural sempre foi uma tradição desde os primórdios. É importante situar que a década de 1950 institucionaliza o circuito de cultura no Rio Grande do Sul, particularmente na cidade de Porto Alegre. Na primeira metade desta década, foram criadas importantes instituições como o Instituto Estadual do Livro, a OSPA, o Arquivo Público, o Clube de Cultura, o Instituto Goethe, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Este último, criado em 1954 por iniciativa do professor do Instituto de Belas Artes Ado Malagoli, ganhou sede própria, três anos depois, no *foyer* do Theatro São Pedro, bem no momento em que a Rádio da Universidade entrava no ar. O paulista Malagoli, que radicou-se naqueles anos em Porto Alegre, fez parte dessa geração forânea de professores que dinamizou o sistema artístico da cidade. Era comum ver Malagoli e seus assistentes frente às obras, mediando tal experiência de contemplação para uma plateia pouco afeita aos modernismos.

Em 1958, o diretor e crítico italiano Ruggero Jacobbi, no Brasil desde 1946, chega à Universidade para dar vida a algo também inédito: um curso de teatro, iniciativa que repercutiu profundamente nas futuras gerações de artistas e de público. O teatro possuía uma centralidade na vida cultural da cidade, com no mínimo três críticos jornalistas acompanhando a cena. Esses encontros acadêmicos e culturais resultaram numa movimentação intensa, na criação de grupos como o Teatro de Equipe, que

ansiava por uma nova dramaturgia, tendo como referência o teatro de Arena de São Paulo e Brecht como inspiração comum. A primeira peça do teatro de Equipe, *A Almanjarra*, de Arthur Azevedo, sucesso de público na época, teve suas músicas selecionadas pela maestrina Madeleine Ruffier e gravadas nos estúdios da Rádio da Universidade (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2003), onde também se produziu radioteatro (BENDATTI, 1987; URBIM, 2007). Em seu relatório, Paglioli (1964) menciona programas esparsos com integrantes de companhias teatrais de outros estados que visitavam a cidade, bem como uma série de programas especiais sobre poesia e poetas com o então arrojado Curso de Arte Dramática da URGS.

Em 1958, ano intenso que culminou com a vitória de Leonel Brizola e seu projeto de uma educação inclusiva no governo estadual, o Instituto de Belas Artes, que viria a ser federalizado pela Universidade em 1962, comemorava o seu cinquentenário com o Salão Pan-Americano, que ocupou os diversos andares de seu prédio. Delegações internacionais e nacionais movimentaram a capital com exposições, conferências e concertos. Naquele ano, os ares pareciam se renovar dentro do tradicional Instituto, e de lá saiu, por exemplo, o Grupo Bode Preto, empenhado em pesquisas formais sob a guarda do expressionismo (BRITTES, 2012). Na área da literatura, os poetas do Grupo Quixote promoviam o Primeiro Festival Brasileiro de Poesia. A cidade, em 58, inaugurava pelo menos dois elementos que ainda hoje balizam seu perfil visual: a ponte sobre o rio Guaíba e a simbólica estátua *O laçador*, de Carangi. Enquanto São Paulo e Rio de Janeiro estavam imersos no concretismo e neoconcretismo, disputando qual centro detinha a supremacia artística (BRITTES, 2012), o país construía sua futura capital modernista, Porto Alegre e Salvador se alinhavam como polos culturais. Glauber Rocha começaria ali seus primeiros passos em direção ao Cinema Novo.

### **O protagonismo da música de concerto**

A mais longeva emissora uruguaia na divulgação da arte e da cultura, a Sodre (Servicio Oficial de Difusión Radio Eléctrica 1929) de Montevideú, cuja programação poderia ser captada em Porto Alegre, foi uma das influências para que a música de concerto fosse protagonista na Rádio da Universidade desde os tempos das transmissões em ondas curtas. Também contribuiu para este direcionamento o encontro do professor Goetze com um funcionário administrativo da Faculdade de Engenharia: o ilustre



compositor Armando Albuquerque. Ele não só participou da opção por essa tradição musical, como também iniciou a formação da discoteca da rádio e solicitou a compra do piano até hoje presente no estúdio – o Gotrian Steinweg de meia calda foi importado da Alemanha por uma loja de departamentos da cidade e, depois de o reitor Paglioli pechinchar um bom desconto, a Universidade adquiriu o instrumento por 90 mil cruzeiros.

Para Arthur Nestrovski (2009, p. 136), “Armando Albuquerque está para a música de sua cidade como Mário Quintana para a poesia, ou Erico Verissimo para o romance: confunde-se com a própria alma das ruas”. E o florescimento desse compositor “antropófago da Cidade Baixa, o bairro dos espíritos iconoclastas de Porto Alegre”, como definiu seu discípulo Celso Loureiro Chaves (2006, p. 109), coincide com o amadurecimento do campo musical na capital gaúcha durante os anos 1950. “As orquestras porto-alegrenses se tornam uma realidade. São a um só tempo deficientes e heróicas. Os grupos de música de câmara também, a reboque das orquestras.” (CHAVES, 2006, p. 110-111)

A OSPA estreou justamente no ano de 1950, sob regência do maestro húngaro Pablo Komlós. Além disso, a posição geográfica estratégica da cidade, como vimos anteriormente, entre os polos culturais Rio de Janeiro-São Paulo e Montevideu-Buenos Aires, rendia frutos com o fortalecimento do tráfego aéreo. Os principais nomes promovidos pela indústria fonográfica mundial passavam por aqui. Referindo-se à agenda do Theatro São Pedro, principal casa a abrigar esses espetáculos, o tradutor e melômano Herbert Caro (1975, p. 360) arrisca dizer que “a temporada de 1951 poderia rivalizar com a de grandes centros musicais da Europa e dos Estados Unidos”.

O hábito de escuta da música de concerto vinha sendo desenvolvido desde a segunda metade do século XIX, através de sociedades e clubes musicais e do costume da realização de saraus, trazido da Europa pelos filhos da alta sociedade que lá iam estudar. No âmbito da fonografia, ainda que não houvesse uma indústria de gravação da música erudita brasileira, os catálogos internacionais eram impressos e/ou distribuídos por empresas daqui, com custos que ainda restringiam esse consumo a uma elite financeira. Herbert Caro, por exemplo, propôs-se a atuar em jornais de Porto Alegre como crítico dos discos de música de concerto para que pudesse ouvir as gravações que não tinha dinheiro para comprar (FREITAS, 2011). Na estreia de sua coluna “Os melhores discos clássicos” no Correio do Povo, em 1959, ele relatava que os

lançamentos das fábricas nacionais na área haviam se tornado bastante frequentes nos últimos anos.

A criação, naquele contexto, de uma rádio universitária e pública dedicada à música clássica, portanto, permitia o acesso a esse repertório para ouvintes que não frequentavam as salas de concerto e/ou não tinham condições financeiras de adquirir discos. No entendimento de Cavaleiro Lima (1987), o direcionamento da programação musical da Rádio da Universidade buscava um caminho alternativo no contexto das emissoras comerciais existentes, ampliando as possibilidades de escuta do ouvinte:

[...] considerando que é uma universidade que possui a sua rádio, não tem por que estar divulgando música popular, de vez que na época já havia catorze ou quinze emissoras comerciais que só divulgavam música popular. Se uma rádio da universidade, pela primeira vez no Brasil, coloca no ar um veículo de difusão como esse, é a música erudita. E eventualmente a música popular, com programas montados, com texto. (LIMA, 1987)

A construção da discoteca da emissora se deu, em parte, por meio de doações, em especial as do consulado da Embaixada da Alemanha em Porto Alegre, que eram periódicas e ganhavam divulgação no programa “Grandes Mestres da Música Alemã”, produzido por Armando Albuquerque durante algumas décadas. Com o passar tempo, o acervo formado se tornou uma referência na área.

E além das gravações, a rádio transmitia concertos ao vivo, diretamente do Salão de Atos da Reitoria, do Theatro São Pedro e do Instituto de Belas Artes. Nos seis primeiros anos, a comunidade ganhou a chance de ouvir, sem sair de casa, por exemplo, as apresentações da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, dos Meninos Cantores de Viena, da Orquestra de Câmara de Stuttgart e de alguns dos principais instrumentistas locais, como Jean Jacques Pagnot, Roberto Szidon e Zuleika Rosa Guedes. “(...) todos irradiados na íntegra, com comentários especialmente redigidos segundo o programa interpretado, constituem um trabalho pioneiro de democratização da música erudita”, relata Paglioli (1964, p. 70).

O termo “música erudita”, utilizado pelo reitor, vai ao encontro de um tempo em que a Universidade promovia cursos de Alta Cultura, no Salão de Atos, difundidos, inclusive, pelas ondas de sua rádio. E remete à concepção de cultura herdada do Romantismo alemão, em que as artes e as humanidades são vistas como instrumentos de um processo de autoilustração e elevação do espírito. Pressupõe uma hierarquia entre diferentes tradições musicais, tendo a chamada música clássica, ou de concerto, como a

“séria”, “grande” e “boa”, envolta em um culto elitista (ROSS, 2011, p. 19). Em função de sua programação predominantemente dedicada a essa tradição musical, a Rádio da Universidade foi muitas vezes criticada. Hagemann (1987) rebate a ideia de que fosse uma emissora elitista:

Nós tínhamos uma preocupação de estabelecer um canal de comunicação o mais direto possível. Nós nunca pretendemos fazer um rádio de elite. Eu acho que seria um contrassenso. Num país como o nosso, com uma carga de analfabetismo tremenda, se nós nos propuséssemos a fazer um rádio de alta categoria, nós corríamos o risco de não termos ouvintes. Porque essa classe privilegiada, num primeiro instante, tinha discoteca melhor em sua casa do que a rádio tinha. (HAGEMANN, 1987)

Para o jornalista Sérgio Stosch (2007), ouvinte que se tornou funcionário da Rádio da Universidade em 1970, a proposta era aproximar a música de concerto de novos públicos, sempre contextualizando obras e compositores como forma de despertar o interesse do ouvinte. Ele aponta para o fato de que o elitismo não está na música em si, mas na maneira como se fala dela:

O elitismo se dá no momento em que a gente privilegia uma linguagem pra um tipo somente de pessoa. Deselitizar, tornar a coisa acessível, significava chamar as pessoas que não conhecem pra ‘olha, o Ravel não compôs só o Bolero’. [...] chamar essas pessoas pra ouvir outras obras era um desafio muito grande. (STOSCH, 2007)

O músico Flávio Oliveira, citado acima, foi outro ouvinte que se tornou funcionário em meados dos anos 1960 e que reconhece ter obtido através da emissora boa parte de sua educação musical e de seu conhecimento de repertório.

Eu era ouvinte da rádio desde criança. Quando começaram as transmissões em ondas médias, eu tinha 13 anos. Eu era de recortar a programação da rádio que saía no jornal. E eu e outros colegas do Julinho marcávamos horas em que nós nos encontrávamos para escutar essa ou outra música que ia ser transmitida. [...] Isso era muito comum. (OLIVEIRA, 2007)

A emissora assumiu, assim, um papel fundamental de formação de público para o campo da música de concerto em fase de consolidação, estimulando e orientando gerações de ouvintes na escuta dessa tradição musical.

### **Considerações finais**

Constitue certamente a Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul o coroamento de um processo cultural, na apropriação de um moderno meio de divulgação. Sendo, o Estado do Rio Grande do Sul, um dos mais alfabetizados e politizados do País, reflete seu estágio e progresso cultural na

---

Universidade que possui, das mais avançadas e prósperas. (PAGLIOLI, 1964, p. 76)

O relatório de Elyseu Paglioli, ao se despedir da administração naquele tumultuado ano de 1964, justifica em palavras efusivas o quanto era fundamental abrir uma frente de mediação entre a academia e a sociedade. Destaque entre as realizações da sua memorável gestão na reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e no embalo de uma década de grande efervescência cultural na capital do Rio Grande do Sul, a Rádio da Universidade estabeleceu seu lugar alternativo no circuito radiofônico no final dos anos 1950, defendendo seu caráter educativo-cultural.

Na década seguinte, já com o marco regulatório nacional permitindo emissoras a operar exclusivamente na faixa de serviço educativo, outras rádios vinculadas a instituições públicas viriam a assumir esse propósito. Em Porto Alegre, por sua vez, debates provocativos como do “marasmo cultural” vão agitar ainda mais a cidade em 1960, dando origem a novas intervenções, como a criação do Ateliê Municipal da Prefeitura, por exemplo (OBINO, 2002). A Rede da Legalidade, que sustentou a posse de Jango em 1961, mostrará o potencial cívico de uma cadeia de emissoras reunidas e, em abril de 1964, um grupo de 11 estudantes vai ocupar a Rádio da Universidade em protesto ao golpe civil-militar que então se armava (OLIVEIRA, 1994).

Enfrentando os desafios da manutenção de suas atividades ao longo de mais de 60 anos, ininterruptamente, a Rádio da Universidade passou por diversas fases e modernizações técnicas. Espaço de resistência da música de concerto na radiofonia brasileira, podemos afirmar que a emissora firmou-se como referência para muitas gerações, operando na formação do gosto por essa tradição musical. Além disso, fez-se laboratório para os primeiros passos de gerações de jornalistas hoje atuantes dentro e fora do Brasil (DEUS, 2003). Terminamos aqui este percurso inicial pelos primeiros anos da Rádio da Universidade, buscando compreender as condições culturais e o espírito de época que a fez emergir como pioneira. Buscamos concretizar uma pequena contribuição para uma história cultural que ainda precisa ser devidamente estudada e contada.

## Referências

**AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS.** Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

---

ALMEIDA, Mario; GUIMARÃES, Rafael. **Trem de volta: Teatro de Equipe**. Porto Alegre: Libretos, 2003.

BENDATTI, Iara de Almeida. **Iara de Almeida Bendatti**: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (1h2min3s). Arquivo da Rádio da Universidade.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo: uma escola de vida e cidadania. In: BARBOSA Filho, André; PIOVENSAN, Angelo; BENETON, Rosane. **Rádio sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRECHT, Bertold. Teoria do rádio (1927 – 1932). In: MEDISTSCH, Eduardo. **Teorias do rádio. Textos e contextos**. v.1. Florianópolis: Insular, 2005.

BRITES, Blanca. Apontamentos sobre construções visuais. In: BRITES et al. **100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes de UFRGS. Três ensaios**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

CARO, Herbert; MORITZ, Paulo Antônio. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1975. p. 299-400.

CHAVES, Celso Loureiro. **Memórias do pierrô lunar e outras histórias musicais**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

COSTA, Maria Carolina Xavier da **A relação entre as escolas radiofônicas e o movimento de educação de base na década de 1960**. Disponível em: [http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos\\_completos/165-31417-23052015-142153.pdf](http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-31417-23052015-142153.pdf). Último acesso em: 14 fev 2019.

DEUS, Sandra de. **Rádios das universidades federais: função pública e compromisso laboratorial**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (26. : 2003 : Belo Horizonte, MG). Anais. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2000.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. **A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão**. Porto Alegre, 2011. 143 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HAGEMANN, Lauro. **Lauro Hagemann**: depoimento [1987]. Entrevistador: Sergio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (29min51s). Arquivo da Rádio da Universidade.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.7, n.2, p. 151 – 168, jul./dez. 2018.

LIMA, José Carlos de Cavalheiro. **José Carlos de Cavalheiro Lima**: depoimento [nov. 1987]. Entrevistador: Sérgio Stosch. Porto Alegre, 1987. 1 arquivo mp3 (51min17s). Arquivo da Rádio da Universidade.

NESTROVSKI, Arthur. **Outras notas musicais**: da Idade Média à música popular brasileira. São Paulo: Publifolha, 2009.

---

OBINO, Aldo. **Notas de arte**. Porto Alegre: MARGS: Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2002. (Coleção Memória Cultural)

OLIVEIRA, Flávio. A quem pertence a UFRGS? In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvone T. **UFRGS: identidade e memórias - 1934-1994**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 1994. p 108-113.

\_\_\_\_\_. **Flávio Oliveira**: depoimento [2007]. Entrevistador: André Grassi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (36min37s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

\_\_\_\_\_. Rádio da Universidade: vocação e voz. In: **AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

PAGLIOLI, Elyseu. **Universidade do Rio Grande do Sul - uma fase em sua história**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade, 1964.

ROSS, Alex. **Escutá Só**: do clássico ao pop. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHIRMER, Lauro. A Hora. **Uma revolução na imprensa**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

SCLIAR, Moacyr. Homenagem à nossa rádio. In: **AGENDA Comemorativa dos 50 anos da Rádio da UFRGS**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2008. n.p.

SOARES, Mozart Pereira; SILVA, Pery Pinto Diniza da. **Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

STOSCH, Sérgio. **Sérgio Stoch**: depoimento [2007]. Entrevistador: André Grassi. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (35min18s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

URBIM, Carlos. **Carlos Urbim**: depoimento [2007]. Entrevistadora: Sílvia Secrieru. Porto Alegre, 2007. 1 arquivo mp3 (40min55s). Entrevista concedida para especiais de 50 anos da Rádio da Universidade.

ZUCULOTO, Valci. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. 2010. 242 f. Tese. (Doutorado em Comunicação Social) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.